

A herança do Xamanismo na antiga Palestina

Ivan Bystřina

A imagem de mundo que era familiar a Jesus Cristo e aos seus contemporâneos palestinos e judeus durante o século I nos é conhecida através de muitos documentos judeus e cristãos que foram preservados. Vou tentar caracterizá-la generalizadamente.

O que temos é uma imagem mitológica de mundo. Sobre a terra existia o céu, que era habitado por demônios, espíritos de diversos tipos. Paulo, o apóstolo, também confessava a existência de diversos deuses no céu.

O céu era organizado em forma de camadas e no nível mais elevado da hierarquia reinava o Deus Javé. Este era o Deus por excelência responsável pela criação do cosmos e o único capacitado a transformá-lo ou a substituí-lo.

Sob a terra existia o inferno, um mundo inferior ao qual a maioria dos mortos deveria descer. No inferno havia demônios.

Entre a terra e os reinos inferiores imperava um permanente trânsito de seres sobrenaturais. Estes seres interferiam nos assuntos humanos de muitas formas como, por exemplo, através de doenças, loucura, epidemias, fomes, catástrofes, guerras, terremotos e crises variadas. Por isso, todos esses fenômenos são considerados obra dos demônios. Os camponeses da Palestina conviviam com esses demônios em permanente conflito.

O governo romano tinha os seus agentes judeus, como por exemplo Herodes, que representava localmente a dominação romana. Mas existiam também os demônios que, com seus agentes humanos, causavam - criavam - muitos milagres.

Agora vamos tocar no problema do xamanismo. O xamanismo faz parte das mais antigas instituições que reuniam caçadores e coletoras (as coletoras eram sempre mulheres). A expansão do xamanismo compreendeu as seguintes regiões: Ásia do norte e central, especialmente a Sibéria; África, Oceania, Austrália, América do Norte e do Sul, e também o nordeste da Europa. Assim, o xamanismo era encontrado em toda parte onde havia povos caçadores e coletores ou onde se manteve a antiga tradição.

Os xamãs atuavam tanto na primeira quanto na segunda realidade. Na primeira, os xamãs eram seres humanos; na segunda realidade eles aparecem como deuses. Como exemplo, podemos citar o deus germânico Odin ou o deus greco-macedônico Dionísio. Os xamãs aparecem ainda como semi-deuses e heróis, como acompanhantes dos mortos, ou então como dominadores dos espíritos.

A partir da visão da Semiótica da Cultura pode-se entender os xamãs como especialistas que se movem entre o "lado de lá" e o reino dos animais e dos homens; entre o mundo dos animais, dos espíritos e dos homens, intermediando a segunda realidade. A sua atuação tem por meta coibir as forças que se voltam contra o bem estar dos homens em geral.

Depois que o xamanismo clássico foi pesquisado dentre os caçadores e pescadores na Sibéria, no Alasca e na Austrália, buscaram-se as raízes de um xamanismo arcaico na pré-história e na antigüidade. Os objetos técnicos e os objetos de uso diário - objetos utilitários - que foram preservados não nos transmitem vestígios de uma vida interior. São os monumentos artísticos que o fazem, conforme escreveu George Bataille.

Quando entramos na caverna de Lascaux, somos dominados por um sentimento que supera os sentimentos aflorados diante dos ossos e das ferramentas do homem fóssil. As obras de arte pré-históricas testemunham não só a força do visionário e o prazer de jogar com o possível, mas também a confrontação com estados desviantes (variantes). Um esquimó formulou isso da seguinte maneira: "Eu não sou nenhum xamã, pois nem tive sonhos e nem fiquei doente."

A doença psíquica ocorre, na verdade, com relativa freqüência, mas não é uma condição necessária para o chamamento do xamã. Este chamado pode vir também através de um outro sofrimento profundo, como por exemplo o sofrimento de Cristo. O sofrimento é condição para a formação do xamã, mas nem todo aquele que sofre se torna um xamã.

Do ponto de vista da Semiótica da Cultura, encontramos os seguintes acontecimentos significativos na vida de Jesus:

- o batismo, que é igual à iniciação;
- a estadia no deserto, acompanhado do jejum e da tentação do demônio;
- a crucifixão;
- a morte;
- a ressurreição;
- a viagem ao inferno e ao céu;
- a aparição no topo da montanha (esta é a última aparição de Jesus).

Se observarmos os ritos de passagem, poderemos constatar que eles têm em geral três fases: os ritos de separação, os ritos de marginalidade e os ritos de agregação.

Vamos falar sobre a primeira fase: o rito de separação. Jesus dirigiu-se ao Jordão, depositou no chão as suas roupas e foi batizado por João Batista, uma espécie de xamã-mestre. Através da lavagem ritual, o iniciante foi purificado de suas impurezas. Em geral estes ritos de separação atuam suspendendo a existência normal do iniciante e transformando-o em uma pessoa "fora da norma", que existe em um tempo também fora do normal.

Vejam agora a segunda fase: o rito de marginalidade. Jesus dirigiu-se ao deserto e jejuou durante 40 dias; ao fim desse período ele teve fome e foi tentado três vezes, às quais resistiu. Estes ritos de marginalidade são um intervalo de atemporalidade social; sua característica geral consiste na interrupção física do trânsito - relacionamento - com as pessoas, por meio do afastamento do iniciante de seu ambiente natural.

Já os ritos de agregação, a terceira fase, integram novamente o iniciante à sociedade normal. Ele assume seu novo papel - no caso de Jesus o papel de mago, de pregador errante, e de anunciador do reino de Deus.

No ritual da iniciação, o xamã adquire, no centro da experiência mística, a capacidade de perceber extra-sensorialmente. Segundo as fontes, tanto Jesus quanto João, durante a cerimônia do batismo, viram um raio, um relâmpago. Isso conferiu a Jesus a capacidade de vislumbrar, mesmo com os olhos fechados, obscuridades e acontecimentos futuros que estavam ocultos aos homens comuns. Creio que nós podemos tomar este fato como histórico.

Depois de se ter submetido ao batismo, Jesus começou a pregar e batizar. Assumiu, portanto, a técnica do batismo como um rito de iniciação com a finalidade de arrebanhar discípulos e seguidores. No entanto, cessou a sua atividade de batismo muito cedo.

No batismo, a pomba funciona como símbolo do Espírito Santo. Tanto Jesus quanto João Batista tiveram a visão não apenas do raio de luz, mas também da pomba. Ambos se encontravam, portanto, conjuntamente, num estado de êxtase.

A descrição da pomba contém elementos da iniciação dos xamãs. Jesus surge, após o batismo, como um novo Adão que vivia entre animais selvagens e era alimentado pelos anjos. O Espírito Santo lançou Jesus no deserto, que ali permaneceu durante 40 dias atarantado pelas tentações de Satã. Nesse período, viveu entre os animais selvagens e foi servido pelos anjos. A peregrinação ordinária dos israelitas no deserto está ligada a muitas provas e tentações: 40 anos durou sua passagem pelo deserto e 40 dias durou a permanência de Jesus no deserto; por 40 dias o jejum é prescrito pela Igreja Católica (Quaresma).

Em muitas culturas, como na região norte-asiática e no ártico americano, a águia desempenha um papel múltiplo: ela é a portadora da cultura, protetora e guia dos xamãs. Ela atua como doadora de força vital, como símbolo de poder sagrado e de iniciação.

Um mito **buriático** mostra o significado abrangente da águia:

Depois que Deus deu à águia a força vital e a sabedoria, mandou-a para a terra para proteger os humanos terrestres, para manter a ordem, para estender todo tipo de bem-estar e proteger os homens dos maus espíritos. Quando a águia, após um longo voo, chegou à terra, pousou próxima à tenda de um tungusa. Mas os homens da terra não reconheceram o seu protetor e tentaram matá-la. Então a águia voltou para Deus. Mas Deus ordenou-lhe que retornasse à terra e que transmitisse tanto a força da vida quanto a sabedoria ao primeiro homem que encontrasse, não importando qual fosse o seu sexo. Isso foi feito, e a primeira pessoa que a águia encontrou foi uma mulher. A ela transmitiu a força da vida e também a sabedoria. Assim, essa mulher tornou-se uma xamã. A atuação da águia levou à resolução de um conflito dentro do casamento e a mulher investida da sabedoria e o seu marido tiveram um filho. Esse filho tornou-se o primeiro xamã do sexo masculino e que tem a sua disposição a força da vida.

No Antigo Testamento, frequentemente as pessoas são tomadas pelo Espírito Santo tornando-se capazes de feitos extraordinários. Isso significa um crescimento muito grande da força vital destas pessoas.

Vamos falar agora sobre a pomba. A pomba é a ave mais citada na bíblia. Nos sacrifícios normalmente eram oferecidos novilhos, vacas e bois para imolação, mas entre as pessoas mais pobres os animais oferecidos eram muitas vezes as cabras e as pombas. A ambivalência da pomba consiste no seguinte: ela é o símbolo da não-agressividade e da ingenuidade, da inocência e da religiosidade. Jesus recomenda aos seus discípulos: "Sejam espertos como a serpente e puros como a pomba." Ela é também o símbolo do Espírito Santo.

Entre egípcios e fenícios a pomba era a mensageira, aquela que transmitia notícias. Os gregos e os romanos levavam pombas nos seus navios para mandar comunicados. Noé também enviou um corvo e três pombas para se informar a respeito do baixamento das águas. A pomba faz a mediação entre o céu e a terra. Todos os quatro evangelistas se referem a esta ave no feminino.

Agora vamos falar sobre o retiro espiritual. Sob este nome - retiro - entende-se um período restrito de isolamento durante o qual o indivíduo se retira da sua rotina, em geral por razões sagradas. Este é um requisito indispensável para se buscar adquirir as "visões" no processo iniciatório.

Entre quase todos os povos o retiro faz parte das atividades de iniciação. Pode-se observar sua presença nos seguintes casos: preparação para a iniciação na vida adulta, admissão num grupo sectário ou religioso, no processo da conversão, como parte da busca de uma vocação sagrada (o que significa a vocação para xamã ou para fundador de uma religião) ou então como busca de uma renovação periódica da vida espiritual.

Durante o período de isolamento, as pessoas interrompem a sua vida rotineira. Isso pode ser feito de forma absoluta - como por exemplo no deserto, onde se fica absolutamente sozinho - ou apenas parcialmente - como por exemplo nos mosteiros, onde se tem contato apenas com os confrades.

Já nas sociedades primordiais existiam edificações específicas para tal finalidade. Assim, as pessoas poderiam mergulhar em si próprias e obter, pelo silêncio do isolamento, contato com divindades e espíritos.

O retiro compreende diversas medidas assépticas: jejum, abstinência sexual, orações, meditação e sonhos reveladores, transe e êxtase. O fenômeno do retiro ocorre raramente na vida, ou uma única vez na vida. No Velho e no Novo Testamentos, o retiro na montanha ou no deserto é mencionado inúmeras vezes.

No Velho Testamento encontramos inúmeras provas de práticas mágicas, de origem arcaica, primordial e que foram preservadas por milênios. Fala-se da magia, da predição, da necromancia e artes mágicas especiais. O período arcaico estava cheio de magos e fazedores de milagres, profetas e profetisas verdadeiros e falsos, videntes e pessoas que conversavam

com os mortos, intérpretes de sonhos e sinais. No Gênesis, fala-se da magia, da fertilidade dos criadores de gado, da capacidade mágica das mulheres e dos pastores.

Também o Êxodo contém narrativas diversas sobre ações mágicas, como por exemplo quando Moisés e Arão obtêm água batendo com o cajado em uma rocha. Esta ação mágica era realizada em nome de Javé, e com isso autenticavam-se mitologicamente. A maior parte destes milagres foi realizada com a ajuda de um condão mágico. Na época em que os israelitas estavam no Egito e queriam ir para a terra prometida, Arão atirou o seu cajado diante do faraó, mas os sábios do faraó fizeram a mesma coisa. Cada um jogou o seu cajado e os cajados se tornaram serpentes. Contudo, o cajado de Arão devorou as outras serpentes. Ou ainda, com o seu cajado Arão transformou toda a água do Egito em sangue.

O cajado mágico é um símbolo muito antigo de poder e de capacitação para forças sobrenaturais. Ele se tornou atributo não apenas de todos os xamãs, mas também um requisito dos magos e dos curadores.

Vamos falar agora a respeito do fenômeno da ceia. Esta é uma das aparições mais fundamentais do cristianismo, que se repete diariamente na missa. A ceia faz parte das idéias mais importantes do xamanismo. Ela significa o despedaçamento e a incorporação do deus. O escritor polonês Ian Kopft escreveu um livro sobre a devoração dos deuses, uma interpretação de tragédias gregas. Dionísio, por exemplo, é despedaçado, partido, e depois comido. A ceia é interpretada, no cristianismo, como uma participação no próprio caráter da divindade.

Todo o complexo da postura liberal de Jesus em relação à lei partiu de sua prática mágica. Possivelmente Jesus teve um comportamento anômalo em relação a sua família. Ele era uma criança transgressora: saiu de sua casa e equilibrou o seu isolamento com histórias de espíritos e com ilusões, e por isso foi declarado louco pela própria família.

Existem algumas diferenças entre as práticas de Jesus e a magia antiga. Por exemplo: Jesus não utilizava fórmulas mágicas, típicas da magia. A anunciação de uma teoria supera as fronteiras do xamanismo propriamente dito. As atividades da cura e do ensinamento são características do futuro profeta.

Jesus pertencia, aparentemente, à tipologia do filho transgressor, fora da ordem, porque não seguiu a profissão do pai, não se tornou carpinteiro. Nas sociedades antigas, o filho não poderia fugir do caminho traçado pelo pai. Quem desobedece, ou está marcado por um dom especial de contato com o outro mundo e, portanto, inspiradas por Deus ou, como aos olhos da vizinhança, são pessoas possuídas por demônios.

Norton Schmidt, que investigou estes fatos, afirmou que assim como conhecemos hoje os tipos histéricos, paranóicos ou maníaco depressivos, naquela época muitos psiquiatras e curandeiros saíam do meio de pessoas com tais patologias: havia os possuídos por demônios de diversos tipos, as pessoas divinas, os profetas e os magos.

Por fim, quero indicar - para que vocês pensem nelas - algumas semelhanças entre a vida de Jesus e o xamanismo: o retiro para as montanhas e para o deserto, depois o batismo como

purificação do iniciante, o êxtase no batismo, a pomba como pássaro adjuvante do xamã, a atividade curadora, o sofrimento antes da morte, a ressurreição e a ida aos céus e aos infernos.

Palestra proferida para o CISC na Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP em 1995.



CISC - CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE SEMIÓTICA DA CULTURA E DA MÍDIA